



Arte de Jorge Arbach

faz sentido quando ele mesmo declara: "A psicanálise tornou-nos familiares com a íntima conexão entre o complexo do pai e Deus; mostrou-nos que um Deus pessoal não é psicologicamente outro que o pai glorificado, e traz-nos a cada dia indícios de como os jovens perdem suas crenças religiosas logo que a autoridade do pai é destruída."

Não surpreende, então, que Freud tenha sempre evitado o tema religioso em sua vida e tenha interpretado erroneamente os sonhos e as memórias da infância que tocavam no tema religioso. Mas a questão religiosa nunca se extinguiu. Ele concluiu *Moisés e o Monoteísmo*, livro um pouco estranho — considerava-o um "romance", no qual apresenta Moisés como um egípcio que é morto pelos judeus —, escrito ao final de sua vida, com a seguinte declaração: "Apenas uma parte do povo judeu aceitou a nova doutrina [o Cristianismo]. Aqueles que se recusaram a fazê-lo ainda são chamados judeus hoje... Eles eram obrigados a ouvir a nova comunidade censurar-lhes por terem matado a Deus. Esta censura seria a seguinte: 'Eles não aceitaram como verdadeiro que mataram Deus, enquanto que nós admitimos isso e estamos limpos desta culpa...'" Um estudo especial seria necessário para descobrir por que tem sido impossível para os judeus associarem-se neste passo [a adoção do Cristianismo]."

É de interesse notar que tal pesquisa psicanalítica nunca foi feita. Os psiquiatras que querem descartar toda crença religiosa como uma neurose coletiva deveriam olhar para as fontes psicológicas de seus próprios sistemas de crença. Quem vive sob telhado de vidro não deveria atirar pedras.

Outro ponto que exige esclarecimento é a relação entre psiquiatria e confissão. A distinção é bem clara para o sacerdote confrontado com o penitente que volta ao confessionário a cada cinco minutos com um sentimento opressivo de culpa, sem conexão com a realidade. Ele fica muito feliz em remeter tal indivíduo ao psiquiatra. A confissão é um ato consciente de arrependimento e um ritual. O homem só pode confessar o que conscientemente sabe que é uma ofensa contra Deus. Tal ato, juntamente com a penitência apropriada e a determinação de não repetir a ofensa, resulta obviamente num sentimento de alívio. A psicanálise envolve um processo diferente, no qual o paciente lentamente revela as fontes inconscientes do sentimento de culpa do qual não tinha consciência. Ele, contudo, não recebe penitência para cumprir, nem absolvição, nem a psicanálise tem qualquer meio a seu dispor para livrar o paciente da culpa. O que o analista faz é ouvir e observar o paciente aprender como diferenciar a fantasia da realidade, os impulsos infantis dos adultos. O paciente então obtém alívio do sentimento de culpa em relação a coisas pelas quais não é responsável, e continua a sentir-se culpado das coisas que uma pessoa geralmente sente culpada e das quais deveria se sentir culpada. Como Gregory Zilbour disse: "O homem não pode ser curado daquelas exigências ético-morais e religiosas de sua personalidade, as quais vivem nele e o fazem ser o que é. Apenas o mórbido, o inútil, o irrealista podem ser analisados".

Rebelião e culpa
Não importa o quão saudável um paciente é do ponto de vista psicológico — e a maioria dos terapeutas visa apenas torná-lo "funcional" em sua situação de vida particular —, o elemento de ansiedade persiste. A verdadeira felicidade pode ser descrita como a falta total de ansiedade — um estado em que o indivíduo está em paz consigo mesmo. Mas a pessoa é mais do que o corpo e a psique. É também espírito, de maneira que os desequilíbrios entre a alma e o espírito também têm de ser resolvidos. Assim como a dor física força o paciente a buscar ajuda para o corpo, do mesmo modo a ansiedade força o paciente a buscar consolo para seus desequilíbrios. O sofrimento nunca é sem sentido, pois sempre nos lembra nossa mortalidade e dirige nossas almas a analisar os fins próprios para os quais fomos criados — fins que vão além dos ajustamentos psicológicos saudáveis e das aptidões para funcionar neste mundo.

Não devemos esquecer que este tipo de ansiedade (obviamente não estou falando daquela ansiedade que podemos ter quando nos atrasamos para o trabalho, mas daquela que persiste mesmo quando as necessidades do corpo e as legítimas necessidades da alma estão satisfeitas, uma ansiedade da qual a maioria de nós nunca escapa) está muito relacionada à culpa, aquela culpa que Freud apontou como resultado de nossa rebelião contra a figura do Pai. Esta culpa, por sua vez, está relacionada, como o próprio Freud admitiu, à culpa que temos em razão de nossa revolta contra Deus Pai — aquela culpa que herdamos de Adão. A ansiedade que resulta desta culpa — o Pecado Original — só pode ser resolvida se retornarmos a um estado de graça.

Como o grande místico mestre Eckhart disse em um de seus sermões: "Desejas saber se estás bem confirmados em Deus? Olhai para o vosso interior e vede se encontráis lá alguma ansiedade". Santo Agostinho expressou o mesmo quando escreveu em suas *Confissões*: "Nossos corações não encontrarão a felicidade enquanto não repousarem em Deus".

Psiquiatria e confissão
Ao que tudo indica, o pai de Freud casou-se três vezes, havendo assim uma considerável diferença de idade com sua mãe. Esta tinha aproximadamente a mesma idade de Philip, seu meio-irmão do primeiro casamento do pai. Um dia, Sigmund flagrou Philip e sua mãe envolvidos no que foi chamado de "cena primordia", e correu confuso para a babá. O resultado é que Philip foi banido para a Inglaterra, a Babá despedida e a família mudou-se de Freiberg para Viena. Disse-ram a Freud que sua amada babá havia sido presa por furto. Dificilmente poder-se-ia pedir por um caso mais clássico de trauma infantil. Há, além disso, a suspeita de que o próprio Freud tenha sido vítima de violência sexual por parte de seu pai ou outra pessoa. Em suas cartas a Fleiss — edição completa (Harvard University, 1985) —, Freud sugere que seu pai pode ter sido responsável pelos sintomas histéricos de sua irmã; chama-o de "perverso".

No fascinante *Sigmund Freud's Christian Unconscious* (Guilford Press, 1988), Paul Vitz sugere que a rejeição de Freud a Deus estava diretamente ligada à rejeição de seu pai por causa deste e outros problemas. Este "ateísmo psicogênico"

O autor é médico e filósofo, professor do Albert Einstein College de Nova York. Tradução e adaptação de Mateus Soares de Azevedo.

FREUD E A RELIGIÃO

Quais as diferenças entre a terapia psicanalítica e a confissão católica? O conceito freudiano de erotismo equivaleria ao que Santo Tomás de Aquino chamava de concupiscência? O embate entre religião e ciência, será algo insensato como uma discussão entre laranjas e maçãs?

□ POR RAMA P. COOMARASWAMY

Há um conflito considerável — ou, mais precisamente, desconfiança mútua — entre psiquiatria e religião. Muito disso está baseado no antigo e de alguma maneira tolo conflito entre ciência e fé. Mas este conflito agrava-se quando abordamos a psiquiatria, por várias razões. De um lado, ela não é uma disciplina puramente científica e, apesar de suas reivindicações a este respeito, freqüentemente ultrapassa as fronteiras do que é observável e mensurável e faz julgamentos morais sobre uma base insuficiente; ela muitas vezes encontra formas bizarras de crença religiosa e tende a extrapolar a partir daí que toda religião é uma neurose.

O conflito entre religião e ciência pode ser comparado a uma discussão entre laranjas e maçãs. A ciência lida com fatos e observações mensuráveis e como eles relacionam-se entre si. A autêntica religião lida com verdades transcendentes que não podem ser demonstradas por meio de qualquer metodologia científica. "Verdades" científicas nunca são absolutas porque, na medida em que mais fatos são conhecidos — e nunca há um fim para a descoberta de fatos —, estas verdades são modificadas. Verdades transcendentes são absolutas e imutáveis — ou, se não o são, não são transcendentes. Aqueles que negam a possibilidade da verdade caem na tautologia de declarar que a única verdade é que não há verdade. Privam a palavra verdade de qualquer sentido.

Os cientistas podem decidir ignorar verdades transcendentes e dar continuidade a seus esforços sem referir-se a elas — o que certamente são livres para fazer. Se, contudo, o cientista reivindica para suas medidas, observações e teorias algum valor transcendente — se declara que a ciência enquanto tal engloba a totalidade da realidade —, ele transforma sua ciência numa falsa religião. Infelizmente, isto acontece com freqüência. Acontece quando o psicólogo declara que o inconsciente é "o centro fundamental do ser humano".

A religião tem todo o direito de recusar-se a aceitar teorias científicas que são excessivas ou que contradizem princípios metafísicos. Do mesmo modo, o homem religioso deveria agradecer o psiquiatra se é informado que sua crença está baseada num princípio irracional. E permitam-nos admitir de passagem que muito do que passa por religião

hoje em dia está longe de ter qualquer caráter transcendente.

Outro ponto que deveria ficar claro é que todos nós temos sistemas de crenças. É errado rotular a autoridade religiosa de "crente" e o cientista ateu de "não crente". O fato é que eles acreditam em coisas diferentes. Quando se lida com um cientista, deve-se ter cuidado em distinguir entre seu sistema de crenças e suas medidas e observações.

Segue-se então que podemos legitimamente separar o sistema de crenças de Freud de suas medições e observações científicas. Se a psicanálise é uma ciência, como ele reivindicava ser, deve limitar-se ao estudo dos fatos. Não tem mais direito de ser uma filosofia do que, digamos, a zoologia ou a botânica. Como Karl Stern, um conhecido psicanalista católico, disse: "A filosofia ateísta de Freud é um trágico acidente, mas é um acidente".

As opiniões religiosas de Freud — isto é, seu ateísmo — não estão, como veremos, baseadas em princípios racionais. Em alguns momentos, ele parece reconhecer isto. Freud abordou a questão religiosa em dois textos importantes.

Conflitos não resolvidos

No primeiro, *O futuro de uma ilusão*, diz: "Não pretendo avaliar o valor das doutrinas religiosas enquanto verdade". Ele corretamente apontou que uma neurose obsessiva pode tornar-se uma religião particular e extrapolou a partir daí que todas as formas de religião com as quais era familiar constituíam uma neurose obsessiva universal. Sua confusão entre falsas crenças neuróticas e a verdadeira fé religiosa não destrói o valor de suas outras realizações. Seu ateísmo era uma "neurose defensiva", o resultado de seus próprios conflitos não resolvidos.

O conceito freudiano de erotismo é aproximadamente equivalente ao que Santo Tomás de Aquino chamava de sensualidade ou concupiscência. Seu narcisismo, o que a psicologia tradicional chama de amor próprio, o qual os autores espirituais de todos os tempos têm sido propensos a apontar como a fonte do mal neste mundo.

Freud é geralmente acusado de instruir seus pacientes a dar livre curso aos impulsos inconscientes. Isto é falso. Quando questionado sobre o que considerava uma pessoa normal, respondeu: alguém cuja vida consiste de amor e trabalho.

Consideremos o complexo de Édipo, o relacionamento da criança com o pai que ele deseja emular, substituir e mesmo destruir em alguns momentos. Freud sustentava que, quando esses conflitos permanecem irresolvidos, causam problemas na vida adulta da pes-

soa. Ele certamente não descobriu as possibilidades inferiores do estado humano. Escritores espirituais e santos sempre falaram da necessidade de o homem reconhecer o mal em sua alma e tanto rejeitá-lo como superá-lo. O processo foi bem descrito como "uma descida aos infernos". Platão também descreveu estas forças na *República*. Freud, então, não foi o primeiro a descobrir o lado obscuro do homem e os efeitos devastadores da concupiscência incontrolada. Mas, num sentido bastante verdadeiro, ele o redescobriu e penetrou seu funcionamento mais completamente do que antes. Contudo, separado dos valores religiosos tradicionais — cristãos ou judeus — foi incapaz de situar estas forças num quadro mais amplo, integrado e total do homem.

De um lado, Freud foi uma vítima de seu tempo. De outro escolheu um termo pobre para a psique ou alma inferior, isto é, o "inconsciente". Como René Guénon apontou, a escolha deste termo é linguisticamente incorreta e acarreta certas consequências lógicas. É linguisticamente incorreta porque, estritamente falando, o que é inconsciente não pode tornar-se consciente. Logicamente, resulta em conceber o homem como uma dicotomia consistindo de inconsciente e consciente. Uma pessoa não pode, afinal, ser mais consciente do que o consciente, e assim qualquer estado mais elevado é excluído. Guénon ensinou que o melhor termo é "subconsciente", que permite algo acima do nível consciente, um "supraconsciente" — graça e intelecção — capaz de influenciar o estado consciente.

Igualmente grave é a visão reducionista do homem como consistindo apenas de corpo e alma. Sem nenhum princípio superior a partir do qual o homem pode olhar e avaliar sua psique, a psiquiatria torna-se um estudo subjetivo, nunca inteiramente livre da subjetividade do analista. A visão tradicional do homem sempre foi tripartite, consistindo de espírito, alma e corpo — *Spiritus (Intellectus), anima e corpus; Pneuma, psyche e soma; Ruh, nafs e jisim*, termos, respectivamente, da psicologia católica, grega e islâmica. Segundo este esquema, a alma, que consiste de mente ou razão, vontade, imaginação, sentimento e memória, tem dois lados ou duas portas que lhe propiciam acesso ao que está acima e ao que está abaixo. Ora, esta perspectiva — compartilhada por todas as grandes tradições — permite-nos utilizar e integrar

num contexto maior, em vez de rejeitar, as descobertas de Freud, e torna claro que o erotismo infantil e os conflitos edipianos não são nada mais do que o Pecado Original refletido no plano psíquico. São estas tendências que devem ser integradas e domesticadas. Esta é a base para o ensinamento escolástico de que *duo sunt in homine* — há dois no homem. Como disse São Paulo, sei o que é certo, mas há outra lei em meus membros. As Escrituras hindus, de sua parte, descrevem o homem como análogo a uma carruagem: o Espírito é o condutor, os cavalos são as paixões, que devem ser controlados e dirigidos — literalmente, "receber rédeas" —, ou então o carro será destruído. Do mesmo modo, Platão fala da alma irracional e do Si, ou Duque, e diz que devemos decidir qual dos dois nos governará.

